

FEITÓ DE PÉDRA

FEITO DE PEDRA

À minha família, meus amigos
e meus professores, em especial,
Dora Longo Bahia e Marco Francesco Buti,

artistas que sempre me inspiraram
e que admiro profundamente



Disse das diabrilas que haviam assolado a sua residência e as de seus vizinhos. Dispor as palavras no ar lhe tomara anos, décadas, a postergação infinita de dias. E, que se estava ali, era por convicção em seu processo de crescimento e estado de maturidade, que não poderiam ter se dado de forma diferente. Era evidentemente doloroso pensar que lhe faltara anteriormente uma atitude enquanto os acontecimentos trotavam à sua frente. Estivera tão certo de si: do que via, sentia e projetava. Mas salientou que não deveria ser deixado de lado, ademais, a fatiga que acompanha grandes pensamentos críticos. E que, de toda forma, o assunto tornara-se demasiadamente chato.

Contou do dia em que estavam presentes na assembleia velhos e novos espirituosos de grande alma. E, que em seu par de olhos excessivamente pretos e brilhosos, perceberam certos tremores de vida que reverberavam até seu peito. E então, entusiasmados, em dado momento da reunião, perguntaram-lhe se não seria de seu grado eleger-se ao posto de síndico. Conteve os movimentos de ânimo que só tiveram expressão em uma paralisia risonha que ondulou como uma corrente por sua clavícula e esticou-se até seus braços e em seguida, até suas mãos, aquelas mãos de pegar coisas. As oportunidades que porventura se abririam o instigaram. Perguntaram-lhe sobre sua rotina. Tão jovem haveria de trabalhar durante o dia. Ao que respondeu:

— APOSENTADO POR ACIDENTE DE TRABALHO!

Viram algum problema em sua reação à pergunta, mas não a manifestaram. Não encontraram em sua aparência a consequência do acidente. Talvez tivesse perdido algum membro não visível de imediato. Ótimo! Eram cientes que este tipo de disponibilidade estava extinto. Exaustos, sem tempo, sem horizonte e sem outro candidato, prosseguiram a reunião com agilidade, resolvaram pendências, agendaram uma eleição e pautaram com atenção o maior problema vivido pelo condomínio, seja: o acúmulo aos montes de uma poeira laranja que em tudo impregnava e de origem ainda não sabida.



Alguns moradores atentos e detalhistas relataram terem a percebido há bastante tempo, que não se tratava de uma novidade. Ele mesmo recordou que quando mais jovem, no abrir e fechar de portas, ao tocar em maçanetas e segurar molhos de chave, recorrentemente empoeirava as mãos. De tal modo que terminou por habituar-se progressivamente e a coisa já não lhe despertava mais nenhuma surpresa. Assim, andava rigorosamente com as mãos no bolso ao sair de casa. Esta postura lhe soava adequada. Quando algum vizinho acenava com as mãos também empoeiradas, sentia certa proximidade.

Aos poucos, notou que também as calçadas brancas, porosas, começaram a impregnar-se desta poeira. E então ela já estava presente nas frestas dos pisos, nos saguões, nos corrimões, nas escadarias, nas vagas do estacionamento. Quando esfregavam os sapatos nos tapetes de entrada, uma pequena névoa se levantava. Primeiro as barras das calças, e então as camisas, e os casacos, começaram a evidenciá-la de modo inequívoco.

Os primeiros pressupostos de que aquela poeira tivesse origem nas terras do jardim foram desmentidos na medida em que igualmente verificavam sua aparição nos espaços mais altos dos prédios. O acesso à espaços como a casa de máquinas, a caixa d'água ou o para-raios, era extremamente restrito e reservado ao zelador, alguém de confiança. Outros espaços internos como os corredores, elevadores e os quartinhos de despensas, encontravam-se da mesma forma. Os moradores do térreo reclamavam tanto quanto os dos últimos andares. Além do mais, a cor do pó era de um laranja opaco e intenso, de uma secura palpável aos olhos, muito diferente da simples terra do jardim.

Brandiram então os condôminos a respeito do fato, e pondo fim à assembleia que se estendera demais, manifestaram:

— Os véus que se formam nas paredes dos prédios, o demonstram. As passagens, cada um dos pilotis e as ruas foscas, o demonstram. A grama, as pequenas flores e folhagens, e as grandes copas cobertas, o demonstram. E agora, ao cair da noite, já não temos mais sossego ao lembrarmo-nos que no dia seguin-

te mal conseguiremos abrir nossas janelas, tanto estarão abarrotados os trilhos! E logo não teremos mais vista alguma, sendo notória e necessária alguma medida!

Disse que seus olhos miravam decididamente o chão. Que há momentos em que cabe à mente a visão. Lá se multiplicam vias, que se detalham em inúmeros cachos e cascatas. Além disso, não era preciso olhar para o rosto de seus vizinhos para deduzir as expectativas que lhe conferiam. Esteve em estado de constante alerta, antevendo os empreendimentos que o competiriam. Sua concentração no assunto deixou que reparasse que todos já haviam ido embora e que, portanto, a assembleia havia terminado.





Retornou à sua casa. Passava horas intermináveis refletindo sobre o fato. Via as coisas de sua janela. Algo estava profundamente errado. A paisagem se transformava de forma ardilosa, lenta e continuamente. Tinha medo de que tudo o que via lhe faltasse. Disse que era como não ver. Era como nada guardar. Era como ver e já faltar.

Uma pedra luminosa acelerava seu coração. Como ver se tornara um ato difícil, relatou que um dia voltou-se para trás encarando uma parede que fazia parte da cozinha. Observou que ela não era assim tão lisa, que sua cor era clara e desbotada. E como todas as paredes e muros que já existiram, resguardava uma fixidez surpreendente. Era crua e irritantemente imóvel. Estando à sua frente, o dimensionava e, repentinamente, podia encarar todos os muros que já existiram. Blocos de pedra sólidos, uns sobre os outros, retangulares, pesados. Que foram organizados, empilhados, agrupados. E que já viram o tempo passar, e que já não servem mais, e que foram construídos sabe-se lá por quem.

Como via uma sombra, pôs-se a lembrar que ela, a parede, não poderia existir sozinha. E, de tanto observá-la atentamente, questionou-se se aquilo não tratava-se de uma fraqueza.

Olhou para suas mãos imóveis iluminadas pela luz matinal exterior. Voltou a olhar para fora. Estava fresco. Havia uma movimentação demorada da poeira. Uma nuvem, uma massa, um pressentimento de algo por vir. Sentiu vontade de percorrer as calçadas, as ruas, os corredores, atravessar os espaços. Mover-se a esmo. Ir embora, talvez.

Deixou de pensar assim, pois não viu saída no raciocínio. Retornou o olhar à parede. Pequenos buraquinhos e reentrâncias era o que se destoava de toda a platitude. Indagou se não teriam se tornado mais numerosos, porque sentiu que estavam evidentemente presentes. Como se fossem ausências que haviam se ampliado e que permaneciam desconhecidas. Como uma constelação às avessas, a inversão do céu. Lembrou-se da escuridão. Chegaria o dia em que repararia os buracos e se contentaria do trabalho bem feito.

Sentiu-se exausto, pois as imagens da fina poeira sobre as coisas se sucediam e se entrecortavam em sua mente. Deitou-se na cama, procurou descansar. Sabia que caberia a um outro dia o arranjo das ideias, o entendimento do fenômeno. Assim o desejava, mas não sabia desvencilhar-se de tantos fragmentos.

Via imagens. Num primeiro momento pulavam umas às outras, quase de maneira ritmada. Uma imagem surgia rente na superfície enquanto a anterior vagava morosa no fundo. Às vezes funcionavam como botões, eram acionadas e operavam alternadamente. Em seguida, passaram a embaralhar e combinar-se, sempre razoavelmente, esticando conexões e formando pontos. Quando uma voz lhe disse:

— Depois de um dia de chuva, você caminha já próximo de casa pisoteando galhos e mostras de insetos que, acachalhados nas quinas das ruas, em abundância em número e cor, claquantes e ordinários a cada esmagada, produzem barulho, do que se lembra, de cigarra. Esses insetos de corpos vácuos se mexem e se empurram, preparando-se para a noite que vem. Embaixo das copas das árvores você continua seu percurso, com os pés molhados, passando por outras ruas e esquincalhos.

Voltou a sentir a pedra luminosa em seu coração. Isso o assustou. “Há um problema que nos afeta, caros moradores”, conjecturou. Procurava entender com clareza o que a voz lhe dissera. No entardecer, meteu-se a passear e observar ainda mais cuidadosamente as áreas exteriores porque creu que esta atitude, além de visar uma imagem sóbria da situação e de servir como momento reflexivo para entender a voz, lhe ofereceria um momento de bem-estar.

No entanto, o cenário lhe era estarrecedor, arenoso, desmedidamente laranja. O pôr do sol se confundia com a névoa, e o céu e a terra se tornaram um. Pequenas dunas dançavam se demolindo e remontando entre as calçadas e ruas. Pareciam sempre assopradas em direção a um canto ainda não preenchido.



Às 18 horas, os postes de luz se acenderam e iluminaram a névoa através de grandes globos amarelos. Eles criavam maiores graduações de tons ao que anteriormente tendia à homogeneidade. O laranja se tornava então todos os laranjas possíveis, até que a noite cumprisse sua promessa de os escurecer e sobrassem algumas redomas luminosas, que pareciam feitas de hastes de luz, quase sólidas. E o restante das coisas, enfim, se mostrassem apenas em silhuetas.

Pôs-se a desenhar formas no chão com os sapatos enquanto seus ombros pesavam mais a cada instantinho do pó em pó que se avolumavam ali. Passou muito tempo assim. De repente, se deu conta da voz de uma senhora, que dirigia-se a ele, talvez há um tempo:

— Está aí a frowrir os olhos e a pensar, e noto a seriedade com que os faz, assim como já havia notado anteriormente na assembleia. Mas é preciso que se aperceba que a inteligência está na prática, que ao “pensar, pensar, pensar”, é seu único remédio. Note o estado das minhas roupas! Assim todas estão: encardidas. Estou testando um sistema de filtragem nas torneiras que preparei sozinha. Ao que parece, as caixas d’água já começam a ser tomadas pelo pó. Se antes eu evitava beber água encanada, agora apenas consigo utilizá-la para as tarefas básicas graças aos meus filtros. Tire as mãos do bolso e aja assim mesmo! O saber da prática é avesso à burrice!

Escutou cuidadosamente a senhora. Lembrou-se concomitantemente do que a voz havia lhe dito anteriormente. Sentiu que havia uma associação entre estes dois momentos. Era um observador à exaustão. A elaboração de propostas coerentes e tangíveis à situação talvez lhe livrasse da apatia que caminhava em sua direção. Proferiu em voz alta que uma vez retirado o pó, enxergaríamos novas belezas. As propostas viriam acompanhadas de outras mudanças. Certamente melhorias, novas configurações de ser e estar.

No dia seguinte, buscou compartilhar o que pensava. Caminhando pelo



condomínio, viu um senhor que acabava de estacionar o carro. Estava junto do filho, que o ajudava a descarregar o porta-malas. O velho estava esbaforido, reclamou amargamente do trânsito e da sujeira da cidade.

Encontrou aí uma oportunidade para estender a conversa. Concordou com as reclamações, disse que era desta forma que se andava fazendo o uso da terra. Não demorou muito para que desviasse o assunto e começasse a esboçar algumas soluções ao problema da poeira, aquelas que havia refletido mais detidamente. O filho, à distância, dirigiu a ele uma sentença que não compreendeu. Alguns segundos depois, creu que zombava dele, talvez do modo como usa as palavras. Envergonhou-se.



Esforçou-se para se concentrar novamente no que diria. Que os panos úmidos, os espanadores e as buchas não serviam mais. E que seria em vão o trabalho se se limitassem àqueles materiais. E que o torpor nas expressões de todos os vizinhos era profundo. Não havia outra saída senão uma solução maior a ser inventada.

Apresentou algumas ideias. No chão, transitariam livremente armações enredadas circulares, feitas a partir da junção de cordões de aço, que possuiriam bocais aspiradores com expansões cilíndricas. Esboçou grandes filtros em folhas de papel. Alguns poderiam ser acoplados nos postes de luz. Na altura média do poste, uma pequena cobertura circular, sutilmente côncava, similar a um guarda-chuva, conteria outros aspiradores na forma de canaletas curvadas, conectando as extremidades do pequeno telhado à base, na parte inferior do poste. Esta base acomodaria um tambor recipiente abaixo do nível do solo.

Outra possibilidade viria de um sistema de filtros contidos em placas quadradas sustentadas por roldanas. Estes filtros seriam em barra e se movimentariam na vertical. As placas poderiam ser cobertas por persianas de ferro controláveis e ajustáveis, a ser dispostas nas paredes dos prédios.

Imaginou que estruturas metálicas interligadas pelas casas de máquinas poderiam ser criadas nos topo de prédios paralelos. As estruturas abarcariam em si ventoinhas que, como pencas, aspirariam de cima o pó vindo das correntes de ar. Um arranjo de argolas as sustentariam. Era desejado o maior número de ventoinhas e, se pudesse, faria com que elas rotacionassem.

Idealizou também bastões, ou talos, em filetes, fincados e dispostos em porções espaçadas pelos pequenos jardins. Em suas pontas, espigas perfuradas inalariam o pó. Como juncos metálicos, esverdeados, enfileirados e caídos entre si, operariam durante o dia. De início, certamente muito pó seria recolhido. Era esperado que a situação se tornasse menos penosa ao longo do tempo. Essa e outras maquinarias funcionariam à medida das necessidades diárias de manutenção dos espaços.

Perguntou ao senhor o que achava disso tudo, se procediam as ideias. Ou, se por um acaso, eram muito embrutecidas. O senhor tomava parte do que ele dizia. Se a situação permanecesse a mesma, algum dia o condomínio seria um terreno coberto pelo veludo podre da deterioração e ninguém mais rangeria os dentes, porque ninguém sobraria. Existiria apenas um carpete espesso de mofo e ânsia soterrada, uma garganta entupida, emperrada, socada e engolida. E as bocas não fechariam mais. Delas despencaria pó. E os braços e as pernas manteriam-se travados, não realizando nunca o movimento seguinte. Estariam todos para sempre imóveis, com os olhos estirados, em extrema tensão. Em vão tentariam cobrir a luz.

Contou que, ao término da varredura de cada grama de poeira, como comemoração, construiria um muro no centro do condomínio. Seria um muro liso, não muito espesso, feito de pedra. Imediatamente, reformulou a frase e desculpou-se pelo engano. Seria antes um muro feito de diversas pedras, pequenos retângulos marrons, marfins, âmbares. Com texturas rajadas, estriadas e ranhuras. A soma de todas as pedrinhas, retangulares, recortadas, formaria uma malha organizada muito bem definida e contornada na paisagem. Ao seu redor, um pátio muito simples, pequeno. De resto, se estenderia um gramado viçoso, crescido em solo muito bem nutrido. Lá seria um bom lugar para se estar. E mesmo nas primeiras horas da manhã, em dias de garoa, as pessoas o aproveitariam. Se chovesse, tomariam chuva. Seria uma terra onde os homens andariam em todas as direções, moventes. Uma terra de andarilhos e errantes.

Provavelmente restariam até o anoitecer. Os olhares se perderiam uns nos outros. Vislumbrariam apenas máculas pretas embaixo das sobrancelhas e dos narizes. O vento empurraria as nucas e os amantes encontrariam nestes instantinhos momentos prazerosos. Não seria mais do que aquilo e poderiam contar com vigor tantas e tantas vezes isso vivido, que ainda o entusiasmo lhes prevaleceria. Seria antes qualquer coisa de lá, do que próprio a cada um.



Compareceu elegantemente no dia e hora marcados para a eleição do novo síndico. Decerto estava nervoso. Alguns relataram que embora mantivesse suavemente as mãos ao redor da boca, mordia com força a ponta dos dedos. Contudo, caminhava a passos leves, sem fazer o menor ruído.

Ao sexto dia do mês de novembro deste ano realizamos a Assembleia Geral Ordinária para tratarmos das seguintes pautas:

Item 1º - Eleição de 01 (um) Síndico (a) para o próximo biênio;

Item 2º - Resoluções para enfrentamento do alastramento da poeira.

Dia 06/11 – Os candidatos à Síndico deverão protocolar suas candidaturas na administração, juntamente com suas propostas. Serão realizadas as votações, sendo prevista a presença dos moradores de todos os blocos. Do dia 13/11 até o dia 15/11 – A administração divulgará aos moradores o resultado da eleição do novo Síndico.

Do dia 20/11 até o dia 25/11 – O atual síndico enviará a todos os moradores sua prestação de contas, ficando à disposição para dirimir quaisquer dúvidas das 10h às 12h e das 14h às 17h, sendo que no dia 03/12 (quarta-feira), o mesmo fará um plantão das 18h às 21h.

As datas e horários acima serão rigorosamente cumpridos, portanto, solicitamos aos moradores que não se atrasem, para o bom desempenho da assembleia.

Síndicos (as): CANDIDATO 01 - APRESENTAÇÃO INICIAL: É residente e domiciliado neste condomínio há 25 anos. Exprimiu ter perfil adequado ao posto: bom profissional, bom mediador e conciliador, é capacitado na parte financeira, administrativa, estrutural, de embelezamento e segurança, e pretende dar continuidade nos trabalhos de manutenção predial preventiva e corretiva vigentes, fazer cumprir a Convenção e Regulamento Interno e manter o bom relacionamento entre os moradores e colaboradores. Enquanto estiver rateando os gastos provi-

nientes dos equipamentos de varredura, salientou que infelizmente não haverá a possibilidade de fazer outras benfeitorias para o condomínio. Assim que terminar este rateio, será chamada impreterivelmente nova Assembleia para a definição das melhorias que devem ser feitas, entre elas:

- Criação de um muro de pedras, de tipo comemorativo.

O ÚNICO CANDIDATO PROTOCOLOU SUA CANDIDATURA NO LIVRO DE ATA DE REUNIÃO DE SUBSÍNDICOS E SE ENCONTRA À DISPOSIÇÃO.

Saibam que no sexto dia do mês de novembro deste ano, deu-se início a Assembléia Geral Ordinária, com início às 18h. O atual síndico iniciou os trabalhos, convidando um dos moradores presentes para presidir a mesma, sendo que o Sr. proprietário do apto. 12 do bloco 03 se apresentou e convidou a Sra. Funcionária Administrativa para secretariar. Conforme o Edital de Convocação, em anexo, a Assembleia deu-se inteiramente no sexto dia de novembro. O senhor candidato a Síndico protocolou sua candidatura no livro de ata de subsíndicos nas páginas 28 verso, 29 frente.

A primeira e única inscrição vigente advém do senhor candidato a Síndico morador do apto. 33 do bloco 02. Após uma apresentação inicial, o senhor candidato permaneceu em silêncio. Foi questionado repetidas vezes sobre as resoluções cabíveis ao problema da poeira. Não respondeu. Sua atitude gerou revolta e comoção. Em um dado momento, os condôminos vociferaram distintamente: “É VOCÊ QUEM DEITA POEIRA SOBRE OS NOSSOS OLHOS !”. Esta agitação comprometeu o bom andamento da assembleia, por isso foi remarcada para o dia 08/11.

Não havendo outras manifestações, nada mais a ser acrescentado, esta assembleia é dada por encerrada às 18h40.



Informaram que foi em direção à portaria despreocupadamente e saiu. Que o seguiram e tentaram se comunicar com ele. Apesar disso, ignorava todas as palavras. Observaram que continuou a andar, mas que já não respeitava mais as convenções que as calçadas e as ruas impõem.

FIM



FEITO DE PEDRA é uma publicação composta por texto e fotografias digitais que retratam formas tridimensionais feitas com papel sulfite, grafite e fita crepe.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicação e Artes

Departamento de Artes Plásticas

Orientador: Marco Francesco Buti

Guilherme Ferreira de Oliveira

2021

